

501 # 25.NOV.12

# diDOMINGO



VIRIATO SOROMENHO-MARQUES

# EUROPA 12 » 15 FEDERAL



04. ANTES E DEPOIS  
**Ermida de  
N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Saúde**



06. REPORTAGEM  
**Carnaval visto  
de fora**



18. REPORTAGEM  
**O Forno**



SE LHE PERGUNTASSEM HÁ CINCO ANOS QUEM TERIA CAPACIDADE PARA LIDERAR UM GOVERNO EUROPEU, VARIATO SOROMENHO-MARQUES TERIA RESPONDIDO SEM HESITAR: A ALEMANHA. HOJE O PROFESSOR CATEDRÁTICO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA, ESPECIALISTA EM QUESTÕES DE CIÊNCIA POLÍTICA, CONSIDERA QUE O PAÍS TEM GRANDES RESPONSABILIDADES NA CRISE EUROPEIA. MAIS DO QUE NUNCA, É PRECISO AVANÇAR PARA UMA EUROPA FEDERAL.

**A CRISE ECONÓMICO-FINANCEIRA QUE SE ESPALHOU COMO UM CÂNCRO UM POUCO POR TODO O LADO PARECE TER POSTO EM CAUSA O MODELO DE EUROPA QUE CONHECEMOS. CONCORDA COM ESTA IDEIA?**

Penso que sim, infelizmente. Esta Europa mostra, por um lado, uma resiliência grande, até porque estamos debaixo de uma situação crítica há três anos. Na verdade, temos duas crises que se conjugam na Europa. Temos, por um lado, uma crise do sistema económico e financeiro internacional, que é uma crise global, que não nasceu na Europa, mas sim nos EUA. No fundo, tem que ver com a mudança de mercado que começou a ocorrer há cerca de 35 anos. Tem que ver com a passagem de um capitalismo fundamentalmente regulado, com normas inspiradas no keynesianismo, no sistema de Bretton Woods – um sistema forjado para tentar pôr ordem no mundo económico ainda no final da II Guerra Mundial, um mundo de hegemonia claramente norte-americana; um sistema que funcionou sem nenhuma crise económica de maior até 73, até ao fenómeno da crise do petróleo. Passámos de um modelo de capitalismo regulado para um capitalismo desregulado, em que o capitalismo financeiro se sobrepôs, por exemplo, ao capitalismo indústrias. O mercado deixou também de ser dominado pela banca, passando a ser dominado por fundos – de investimento, de pensões, de capital de risco – extremamente desregulados, soltos da legislação nacional, com a multiplicação de fenómenos que podemos considerar ilegais, nomeadamente os paraísos fiscais. A crise em que estamos começa por aí. O modelo de Keynes caiu em desuso e entrou uma nova moda inspirada em pensadores importantes como o Friedrich Hayek e o Milton Friedman – que ganharam até os prémios Nobel de Economia dos anos 70 –, que inspiraram políticas por parte dos EUA, da Grã-Bretanha, depois a França e depois a Alemanha para deixar que o setor financeiro se autorregulasse. Milton Friedman definiu mesmo o postulado da sua teoria económica em que considerava que os mercados financeiros dei-

xados entregues a si próprios tenderiam para a produção do melhor bem comum possível, uma espécie de rousseauismo financeiro, ou seja, a ideia de que os mercados são naturalmente bons.

**MILTON FRIEDMAN NÃO PODIA ESTAR MAIS ENGANADO.**

Os mercados são criações humanas, onde existe sempre um elemento de paixão, um elemento de egoísmo, de irresponsabilidade. E o resultado foi, de facto, o Crash de 27/08.<sup>†</sup> A União Económica e Monetária, cuja arquitetura tinha sido feita depois de Maastricht, também estava fortemente influenciada por este modelo ultraliberal. O nosso Banco Central Europeu é completamente diferente do Banco Central Norte-Americano, porque coloca os países e a economia dependentes dos mercados financeiros. O Banco Central Europeu não tem a capacidade – e isso é explicitado no Tratado de Maastricht e no Tratado de Lisboa – para financiar monetariamente a economia. O artigo 123 do Tratado de Funcionamento da União Europeia proíbe o financiamento monetário da economia. O Banco Central não pode comprar diretamente títulos de obrigação dos Estados, o que significa que os Estados ficam dependentes da especulação dos mercados. A crise financeira iniciada nos EUA submeteu a União Económica e Monetária a uma prova de resistência. Costumo dizer que a nossa União Económica e Monetária é excelente para primavera/verão, não para o outono e muito menos para o inverno. Quando entrámos no outono da crise a nossa União Económica e Monetária começou a agitar-se. Em 2009 os europeus tinham a opção de compreender que a União Económica e Monetária era uma estrutura defeituosa, e que se-

verno europeu. Temos uma economia europeia integrada – infelizmente, com a crise, começa a haver sinais de desintegração, porque as pessoas têm medo de investir na Europa –, mas não temos uma liderança à altura. Se me perguntassem, há cinco anos atrás, quem era o país mais apto a liderar a União Europeia, diria que era a Alemanha. Devido à II Guerra Mundial e ao próprio exercício de autocritica que os alemães fizeram, o país sabia que a hipótese de uma Europa alemã é um abismo. Fomos lá cair duas vezes e vamos lá cair uma terceira se continuarmos assim.

**JÁ NÃO CONSIDERA, PORTANTO, QUE A ALEMANHA SERIA UMA BOA LÍDER DE UM GOVERNO EUROPEU?**

Neste momento tenho algumas dúvidas. O governo alemão da chanceler Merkel tem cometido erros de avaliação muito grandes. Evidentemente que esses erros de avaliação são reforçados pela falta de coragem e de visão dos outros governantes europeus, a começar pelo nosso próprio governo, que tem tido uma atitude absolutamente inqualificável, que vai contra o interesse nacional, mas também contra o interesse europeu. A chanceler Merkel precisa de alguém que fale verdade com ela, que lhe faça frente num sentido construtivo. Nós precisamos da Alemanha. A chanceler Merkel tem qualidades pessoais e de caráter que lhe conferem uma dimensão de líder, mas falta-lhe a sabedoria e a visão estratégica. O líder pode não ter tudo, mas precisa de ser bem aconselhado, de ter uma boa equipa. Neste momento, os outros países europeus não estão a fazer uma boa equipa, porque lhe estão a dizer aquilo que ela quer ouvir e não aquilo que ela precisa de ouvir. Repare-se na forma como a Alemanha reagiu à recessão europeia. No fundo, quando a

*Precisamos de um governo europeu,  
de um orçamento europeu, de um Tratado Constitucional  
que devolva a confiança dos cidadãos pela  
Europa, com órgãos europeus eleitos.*

ria fundamental alterar as regras do jogo e fazer um conjunto de reformas; ou tentar agarrar aquela estrutura frágil e defeituosa e, desesperadamente, tentar dar a volta à situação, mas da pior maneira possível, porque quando uma coisa está mal tem que ser mudada. Infelizmente a zona euro escolheu o segundo caminho. E é aqui que estamos. Começamos com uma pequena crise de défice orçamental na Grécia, a quem demos as respostas todas erradas, e agora temos uma crise sistémica da zona euro.

**O QUE É QUE LEVOU A EUROPA A ESCOLHER O CAMINHO DE DEFESA DE UMA UNIÃO ECONÓMICA E MONETÁRIA FRÁGIL, AO INVÉS DE APROVEITAR A OPORTUNIDADE PARA A REFAZER?**

Por uma razão mais profunda, que tem que ver com os limites da construção europeia. Temos 60 anos de paz na Europa, 60 anos de exercícios institucionais, de tratados, uma tentativa de fazer um Tratado Constitucional, mas a verdade é que neste momento, nesta hora de crise, percebemos que não temos, de facto, um go-

Grécia começou a entrar em recessão dever-se-ia ter tomado a decisão solidária de apoiar o país. Com condições, claro. No entanto, Merkel foi buscar o Tratado de Lisboa e recordou que o Banco Central Europeu não é responsável pelas dívidas dos Estados, nem de regiões. Durante cinco meses toda a gente dizia que era preciso ajudar a Grécia. Ainda assim, teimosamente, a tentar defender o dinheiro dos contribuintes, Merkel acabou por agravar a situação. Não só a situação grega, mas também a forma como os mercados se relacionavam com a zona euro. A verdade é que, a partir do momento em que entrámos em União Económica e Monetária, os mercados começaram a olhar a zona euro como se fosse quase uma entidade só. A partir do momento em que se percebeu que a Alemanha não ia apoiar a Grécia, os mercados começaram a olhar para Portugal e para a Irlanda com desconfiança.

**A FALTA DE UM GOVERNO EFETIVAMENTE EUROPEU, DE UMA LÓGICA EUROPEIA, TORNAVA EXPECTÁVEL**

(†) *Falência de Lehman Brothers  
Setembro de 2008*



**ESTA SITUAÇÃO DE QUASE RUTURA?**

Tornava, e aí temos que prestar homenagem às pessoas que foram capazes de ver antes de nós. Em Portugal tivemos João Ferreira do Amaral, que foi o único economista de craveira que, antes de entrarmos na União Económica e Monetária, chamou a atenção para o que poderia acontecer. Ele chamava atenção sobretudo para o facto de poderem ser criadas grandes assimetrias entre as economias mais fortes e as economias mais frágeis, sem a assistência de transferências. Essa é a grande questão: a solidariedade pressupõe transferências, que o que o Governo faz, com um orçamento comum. Neste momento, em vez de convergência temos divergência; temos pobreza no sul e concentração de riqueza no norte, uma situação absolutamente insustentável. Um grande economista americano, Martin Feldstein, chegou a prever, em 1997, a possibilidade de uma guerra europeia por causa da União Económica e Monetária. Previu, com muito rigor, uma situação em que os países lutariam pelo Banco Central Europeu: uns a tentarem que fosse fiel ao objetivo de impedir a inflação; outros a tentarem que fizesse o que faz a FED (Reserva Federal norte-americana), que é estimular a economia.

**UMA GUERRA ENTRE ESTADOS EUROPEUS PARECE-NOS SEMPRE LONGÍNQUA E IMPOSSÍVEL, ATÉ PORQUE A EUROPA DEMOROU A ULTRAPASSAR UMA SITUAÇÃO SEMELHANTE. A PRÓPRIA CONSTRUÇÃO DA UNIÃO EUROPEIA DEVERIA FUNCIONAR COMO UM IMPEDITIVO A UM CENÁRIO SEMELHANTE. AINDA ASSIM, SERÁ UM CENÁRIO TÃO IMPOSSÍVEL QUE NÃO DEVAMOS SEQUER PENSAR NELE?**

Temos que ter todas as hipóteses no horizonte. A guerra seria o fim de tudo, mas o que acontece é que, nestes três anos, não foi só a eco-

## *A Europa pode tornar-se um sítio muito pouco habitável.*

nomia que se deteriorou. Degradou-se muito, também, o olhar dos europeus uns sobre os outros. Temos, por exemplo, países onde surgem movimentos xenófobos. A Grécia tem um partido de extrema direita que copia em 100% o Partido Nacional Socialista Nazi alemão dos anos 20. Mesmo no discurso oficial a chanceler Merkel é muito responsável por ter feito popularizar uma atitude de arrogância e soberberia em relação aos países do sul. O professor Adriano Moreira falava numa "antropologia comparada". Dentro dos próprios países, a crise económica vai rompendo a solidariedade. Em Espanha temos duas regiões - que sempre tiveram aspirações de independência, é certo - que com a crise económica estão a tentar seguir o seu caminho, aumentando o ruído. Isso está a acontecer própria Grã-Bretanha, com a Escócia; na Itália há o Tirol ao sul; a Bélgica está à beira da rutura. A Europa pode tornar-se um sítio muito pouco habitável. A única estrada que pode salvar a Europa é o federalismo. Não há cenários intermédios. Precisamos de um governo europeu, de um orçamento europeu, de um Tratado Constitucional que devolva a confiança dos cidadãos pela Europa, com órgãos europeus eleitos.

## **NESTE MOMENTO, HÁ ALGUÉM NA EUROPA QUE DEFENDA O MODELO DO FEDERALISMO PARA ESTA UNIÃO?**

Neste momento temos algumas forças, que são minoritárias. Se me perguntar se estamos mais próximos de uma situação de federalismo ou de rutura digo-lhe que estamos mais próximos da rutura. Não temos nenhuma liderança nacional que defenda o federalismo europeu. Estou profundamente convencido que Hollande, em França, não faz a mínima ideia do que é o federalismo. Esse é outro aspeto: nunca fomos governados por uma classe política tão ignorante, tão longe da tradição, tão desconhecadora da história europeia e do próprio léxico europeu. Isso também tem que ver a própria democracia, que vai arrastando os melhores membros da sociedade para fora da vida pública, porque a vida pública torna-se um sítio pouco recomendável. Vamos ter, de facto, que reinventar um espaço público, os partidos vão ter que renovar-se. Infelizmente, os sinais de preocupação e rutura são maiores do que os sinais de organização. Ainda assim, penso que a situação vai evoluir. A minha esperança é que, perante o avolumar das tensões, cheguemos ao que chamo uma singularidade, que pode funcionar como uma espécie de alerta, quer para a consciência dos dirigentes, quer para as populações.

## **O QUE É QUE DEVERÁ IMPLICAR ESSA "SINGULARIDADE" DESPOLETADORA DE CONSCIÊNCIAS EUROPEIAS?**

Provavelmente teremos que passar por um grande susto, nomeadamente uma situação de pré rutura da zona euro. Neste momento já me parece menos provável que essa singularidade ocorra através da Grécia. Já se percebeu que é menos perigoso para a Europa manter a Grécia do que expulsá-la. O facto de a crise se ter ampliado a Espanha e à Itália torna a possibilidade de saída da Grécia muito perigosa, pelo seu poder de contágio. Todos os analistas dizem que se a Grécia sair Portugal vai atrás e, saindo Portugal, começamos a ter um impacto sistémico muito grande. Com uma Espanha à beira de pedir um resgate - só ainda não o fez porque o primeiro-ministro Rajoy está a tentar atrasar o mais possível, sabendo que as condições são muito penosas - podemos chegar à singularidade através da questão da dívida pública. Podemos chegar a uma situação em que um país como a Espanha diz que não consegue pagar a sua dívida pública. Isso seria uma erupção na zona euro. Outra hipótese, que também não é improvável, é voltarmos a uma situação de falência de dois ou três bancos, criando uma situação de descontrolo. Podemos chegar a uma situação como a de o ano passado, antes do Banco Central Europeu ter feito os financiamentos de três anos à banca: o fim dos empréstimos, o chamado "credit crunch". Os bancos estão, no fundo, a guardar reservas para si, porque eles próprios estão muito endividados. Para termos uma ideia, até aos anos 90 a banca seguia um princípio muito saudável que consistia no seguinte: os bancos não ofereciam para crédito mais do que 85 a 90% dos depósitos que tinham. Era uma medida de prudência, ficava sempre uma margem de manobra. Na primeira década deste milénio, os oito principais bancos portugueses estavam a emprestar 165% dos seus depósitos, recorrendo ao crédito externo. A banca endividava-se no estrangeiro para emprestar aos seus clientes de forma irresponsável. Nessa altura não houve in-

tervenção, nem supervisão, nem autocontrolo, nem autorregulação. Temos, em Portugal, uma situação muito delicada: uma dívida pública de 120%, sendo que as famílias e as empresas devem 370% do PIB. Temos a segunda maior dívida de privados a seguir ao Japão.

## **A RUTURA DA UNIÃO EUROPEIA INTERESSARIA A ALGUÉM?**

Não interessaria de modo absolutamente nenhum aos EUA. Os EUA estão muito frágeis e só não estão piores porque Obama não seguiu a política de Merkel. Também seria uma desgraça para a China, porque somos importadores massivos das mercadorias chinesas. Os chineses investiram fortemente no euro, pelo que perderiam muito dinheiro se o euro desaparecesse. O único país que talvez tivesse algum benefício seria a Rússia, porque tinha de bandeja o continente europeu à sua mercê. A Rússia não está a fazer nada, mas claro que aproveitaria as vantagens estratégicas. A Alemanha ficaria numa situação de vassalagem em relação à Rússia - já têm uma dependência energética. O fim da zona euro implicaria, em primeiro lugar, um empobrecimento generalizado. Em segundo lugar, desapareceria a banca privada: os bancos seriam todos nacionalizados. Voltariam as fronteiras; o comércio seria interrompido durante muito tempo; haveria conflitos sociais, conflitos regionais. Seria uma situação caótica e temos que ter muito cuidado com isso.

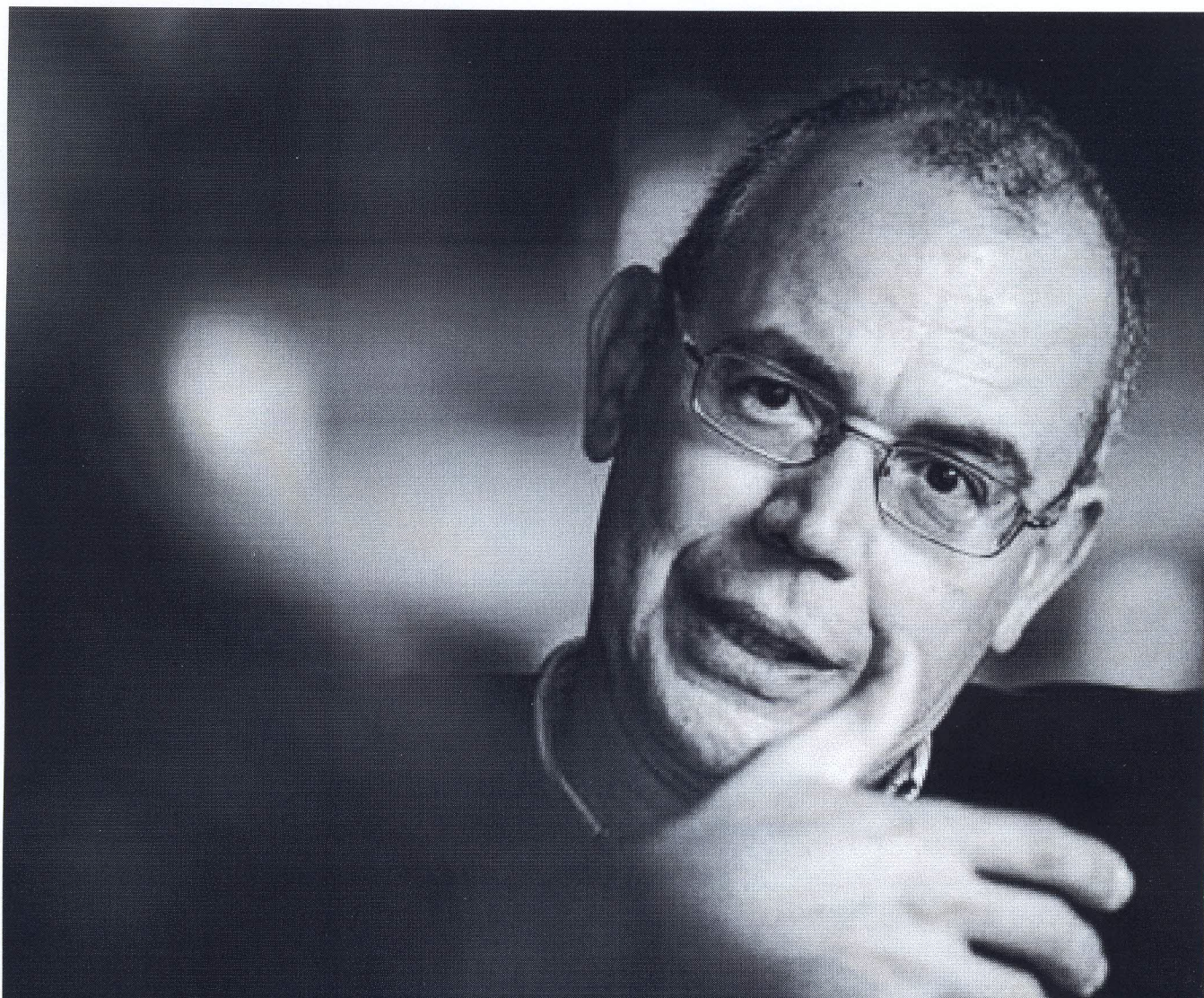
## **FALA-SE SEMPRE MUITO NA QUESTÃO DA IDENTIDADE EUROPEIA. SERÁ QUE O POVO EUROPEU TEM NOÇÃO DOS RISCOS QUE CORRE COM O EVENTUAL DESAPARECIMENTO DA ZONA EURO?**

A resposta é um rotundo não. Penso que apesar de tudo os portugueses, os gregos e os espanhóis têm uma noção mais próxima da realidade do que os alemães, holandeses e finlandeses. A Alemanha, neste momento, vive num sonho dogmático. A Alemanha está no olho do furacão, onde está tudo calmo. Ainda assim, começa a haver sinais. A economia alemã já está a baixar, mas Merkel não o diz aos alemães. Ela não diz que a política que implementou na Europa vai conduzir a Alemanha ao colapso. Ela não vai pedir desculpa. Os europeus, se não têm uma visão rigorosa dos cenários, dificilmente poderão ter depois uma atitude inteligente. Em qualquer caso, penso que há sinais de esperança nos países que já estão mais afetados. A greve geral do dia 14 deu-me um sinal de esperança, porque foi europeia. As pessoas começam a agir como europeus; os pobres da Europa começam a fazer aquilo que os governantes não fazem, que é compreender que estão no mesmo barco. O que é dramático na crise europeia é o défice de liderança. Eu não acuso os mercados, não acuso os bancos, independentemente das responsabilidades que tenham, mas acuso os políticos. São eles que estão a travar, neste momento, a resposta para a Grécia. Os mercados são usados como bode expiatório, mas sempre que existe um sinal de esperança a dívida baixa, há mais empréstimos, há mais confiança, a bolsa sobe. A culpa não é dos mercados, é dos políticos.

## **NESTE CENÁRIO, O QUE É QUE SERÁ EXPECTÁVEL DE PORTUGAL? HÁ POUCO DIZIA QUE O PAÍS TEM TIDO UMA ATITUDE QUASE SUBMISSA PARA COM A ALEMANHA.**

Tem sido uma política desastrosa, o que também mostra o défice de debate europeu em Por-





*Nunca fomos governados por uma classe política tão ignorante, tão longe da tradição, tão desconhecadora da história europeia e do próprio léxico europeu.*

tugal. Os grandes partidos do sistema político nunca fizeram um grande debate sobre a Europa, nunca compreenderam que a construção europeia é uma luta, uma luta que só se ganha com inteligência. No fundo sempre fomos clientes da Europa, não sujeitos da Europa. Entrámos na União Económica e Monetária para continuarmos a ser clientes. Nenhum partido fez um diagnóstico correto do que está a acontecer e sem este diagnóstico andamos à deriva. O que é que realisticamente poderíamos fazer? Para já pedimos um empréstimo à “troika” e os prestamistas não são, normalmente, pessoas muito sensíveis para com os devedores. No entanto, penso que uma parte do programa deveria ser revista porque há coisas no memorando que não são sensatas. Por outro lado, era inevitável ter um aumento da carga fiscal. Agora, era preciso uma política europeia que fosse capaz de propor as reformas estruturais que a União Europeia precisa. Poderíamos usar o nosso aparelho diplomático para propor ideias sobre uma nova ideia para a Europa. Portugal poderia ter um papel de liderança ao nível da condução política. Pelo contrário, o discurso do Governo foi

um discurso de culpa. Somos o único país no mundo que tem uma política pública de empobrecimento. Mas quem é que viveu acima das suas possibilidades em Portugal? Continuamos a 70% da média europeia. São as pessoas que ganham o ordenado mínimo que vão ser mais taxadas? São os reformados que vivem das suas pensões que viveram acima das suas possibilidades? Mesmo no auge dos anos 90 tivemos sempre cerca de 20% de pobres. Por um lado há necessidade de prestar contas aos nossos prestamistas, mas por outro dizer-lhes “nós fazemos o que vocês pedem, mas o que pedem não faz sentido”. O próprio FMI, que faz parte da “troika”, sabe que estas políticas estão a levar os países à destruição.

**OUTRA DAS ÁREAS A QUE ESTÁ LIGADO TEM QUE VER COM A DEFESA DO AMBIENTE. PARECE-LHE QUE EM TEMPOS COMO ESTE, DE CRISE, QUANDO HÁ OUTRAS QUESTÕES A RESOLVER, OS PROBLEMAS AMBIENTAIS FICAM PARA SEGUNDO PLANO?**

Não deveriam, pelo contrário. Neste momento na Europa fala-se muito na necessidade de crescer e uma das perguntas fundamentais é, de fac-

to, como fazê-lo. O ambiente, a preservação ambiental, o combate às alterações climáticas, poderiam e deveriam ser um horizonte unificador dos europeus. Para combater as alterações climáticas vamos ter uma tarefa gigantesca que é a de reinventar uma economia menos carbónica, menos dependente dos combustíveis fósseis, e que vai mobilizar os mercados, as empresas, as universidades. No fundo temos um manancial de projetos, de áreas de investimento, de criação de postos de trabalho, de novas tecnologias, que só está à espera de um sinal. Temos o capital, fora da Europa, para financiar esse processo. Acredito que poderemos ter na Europa um New Deal, como os americanos tiveram nos anos 30. Este New Deal será profundamente ambiental e poderá ser um fator não só de aproximação dos europeus, de cimentação da identidade europeia, como também de afirmação da Europa no mundo, de forma positiva. Antes desta crise a Europa defendeu estas ideias no caminho para Copenhaga. A Europa aparecia como líder do combate às alterações climáticas, mas está, neste momento, fechada sobre o seu umbigo e a perder, inclusive, o capital que acumulou. ■